

## O MUNDO COMO BIBLIOTECA

Flávio Carneiro (UERJ)

### Resumo:

Babel (do conto “A biblioteca de Babel”, de Borges) é insólita não pelo fato de ser tomada como um universo, mas como *o* universo. E por abrigar livros inusitados – um deles é um labirinto de letras e na penúltima página se lê: *Ó tempo suas pirâmides*.

Leitor de Borges, Calvino (em *As cidades invisíveis*) reinventa Babel ao recriar Kublai Khan, num momento da vida do Imperador em que o tédio se aproxima e a única saída reside nos relatos de Marco Polo, que descreve as cidades invisíveis do Império. Essa biblioteca sem livros é o último desafio do grande Khan.

Mais modesta, a do detetive Espinosa (em *Perseguido*, de Garcia-Roza) vem juntar-se às anteriores. Se a primeira não tem fim e a segunda não tem livros, esta não tem estantes – os livros são dispostos no chão em fileiras que se alternam na horizontal e na vertical. Biblioteca que se revolve e a si mesmo se interroga, num equilíbrio instável, como o do próprio detetive.

Uma quarta se alinha às anteriores, com a diferença de, parecendo também ela ficção, erguer-se de fato, idealizada por Warburg e tendo como critério de organização do acervo o da “boa vizinhança” (ao lado de um tratado de química se instala outro de alquimia, seguido de um terceiro que corrige ou suplementa o anterior). O lugar dos livros variava conforme novas percepções teóricas de Warburg, cuja biblioteca era um espelho do modo como enxergava o mundo.

Diversas, as quatro são atravessadas por um fio tênue, ao qual nos agarramos para propor que toda biblioteca é um modelo único de relacionamento múltiplo, que sugere novas e desafiadoras formas de relacionamento humano, simulando um mundo mais surpreendente e menos intolerante.

**Palavras-chave:** biblioteca; mundo; humanismo.

O escritor russo Varlam Chalámov (CHALÁMOV, 2004) conta que teve a primeira e única biblioteca particular na vida quando tinha três anos de idade. Era composta de dois livros, duas histórias para crianças escritas por Tolstói.

Não deveria causar espanto o fato de dizer que uma biblioteca pode ser constituída por apenas dois livros. Na verdade, se pensarmos que todo livro é sempre a memória de outros livros, com os quais dialoga, seja por se alinhar com eles, seja por contestá-los ou

simplesmente se inserir no mesmo gênero literário, bastaria um único livro para se ter uma biblioteca.

Um livro – ou sendo mais radical ainda, um poema, um conto, um romance – é como as tradicionais bonecas russas, as *matrioshkas*. Uma boneca – normalmente retratando uma camponesa – traz dentro de si uma réplica, em tamanho inferior. E esta segunda boneca traz dentro de si uma terceira, e assim por diante.

A diferença é que, no caso de um livro, os outros que vão dentro dele nem sempre são visíveis. E nem sempre são os mesmos. O próprio autor não pode ter controle absoluto de todos os livros que coloca dentro do livro que escreve. Alguns ele insere de propósito, de modo a seguir alguma estratégia pensada desde o início, visando a este ou aquele efeito, mas ninguém pode dar conta dos caminhos da memória ou do inconsciente, de modo que os livros dentro daquele livro são às vezes como fantasmas – sem os quais o livro jamais seria o que é.

Ricardo Piglia (PIGLIA, 1994) via a crítica como uma variante do gênero policial, o crítico como um detetive que tenta decifrar um enigma (ainda que não haja enigma). Me agrada pensar no exercício da crítica literária como o de um detetive que busca encontrar num livro os livros que nele se esconderam.

Bastaria então um único livro para que se possa ter uma biblioteca. Todo livro é um universo, como toda biblioteca o é.

•

Aquela criada por Borges, em “A biblioteca de Babel” (BORGES, 1986) é, aliás, definida pelo narrador do conto não apenas como um, mas *o* universo. Constituída por um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, atravessadas por saguões e escadas que se espalham para além do que pode alcançar a visão, a biblioteca de Babel tem o formato de uma esfera, cujo centro pode ser qualquer um dos hexágonos e cuja circunferência é inacessível.

Como todos os homens da biblioteca, também o narrador viajou por ela, peregrinando em busca de um livro. As viagens eram longas e sempre solitárias.

Antigamente, havia um homem em cada hexágono. As enfermidades e os suicídios diminuíram essa proporção.

Seu pai lhe contava que viu, no hexágono do circuito quinze noventa e quatro, uma obra em que estavam escritas apenas as letras MCV, repetidas da primeira à última linha. Um outro, bastante conhecido nessa mesma região da biblioteca, é feito sob a forma de um labirinto de letras, mas na penúltima página está escrito: “Ó tempo tuas pirâmides.” (BORGES, 1986, p. 63)

Há quatro séculos investigadores oficiais tentam, em vão, decifrar o mistério da origem da biblioteca. E o narrador suspeita que, extinta a espécie humana, a biblioteca ainda vai existir: “iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta.” (BORGES, 1986, p. 69)

Ousaria dizer, lendo o conto de Borges, que a biblioteca de Babel não seria um lugar onde os livros estão. Seria ela mesma um imenso livro, onde os *lugares* estão – os lugares que existiram, os que existem e os que ainda não foram inventados.

Como todo livro, como toda narrativa, Babel é um mundo. Semelhante a outros mundos e, no entanto, absolutamente único.

•

Também são únicos – e também se moldam como um mundo próprio – os livros não escritos da biblioteca invisível de Kublai Khan, ou do Kublai Khan reinventado por Calvino, em *As cidades invisíveis* (CALVINO, 1991)

Leitor de Borges, Calvino criou a melhor parte da sua obra movido por um desejo, o de leitor. No início da carreira, Calvino, insatisfeito com os livros que vinha escrevendo – no estilo neorrealista que predominava no seu tempo – se deu conta de que escrevia o que os outros queriam ler. E decidiu mudar de rumo. Passaria a escrever os livros que ele, Calvino, gostaria de ler. Como Borges, acreditava também na hipótese de que o escritor escreve porque falta um livro na sua biblioteca, aquele que ele gostaria de ler e não existe ainda. Por isso se lança ao trabalho de escrevê-lo, de escrever o livro que falta e que poderá salvá-lo da monotonia e do cansaço.

Quando cria o *seu* Kublai Khan, Italo Calvino imagina o imperador mongol já no final da vida, naquele momento em que o imenso império que conquistou já não lhe desperta nada parecido com alegria ou glória. O tédio se aproxima como um abismo, em especial quando ele ouve os enfadonhos relatórios de seus embaixadores, viajantes que lhe trazem notícias de um novo território conquistado, de uma rebelião em algum ponto longínquo, das cifras que dão uma vaga ideia do seu tesouro:

Existe um momento na vida dos imperadores que se segue ao orgulho pela imensa amplitude dos territórios que conquistamos, à melancolia e ao alívio de saber que em breve desistiremos de conhecê-los e compreendê-los, uma sensação de vazio que surge ao calar da noite (...) é o desesperado momento em que se descobre que este império, que nos parecia a soma de todas as maravilhas, é um esfacelo sem fim e sem forma, que a sua corrupção é gangrenosa demais para ser remediada pelo nosso cetro, que o triunfo sobre os soberanos adversários nos fez herdeiros de suas prolongadas ruínas. (CALVINO, 1991, p. 9)

Apenas quando ouvia os relatos do seu novo embaixador, Marco Polo, o grande Khan “conseguia discernir, através das muralhas e das torres destinadas a desmoronar, a filigrana de um desenho tão fino a ponto de evitar as mordidas dos cupins.” (CALVINO, 1991, p. 10).

As cidades descritas – ou narradas – por Marco Polo diferem daqueles de que os outros embaixadores dão notícia ao imperador. Marco lhe conta sobre Ercília, por exemplo, cujos habitantes estendem fios entre as casas – brancos, pretos, cinza, preto-e-brancos, conforme relações de parentesco, troca, autoridade. Quando há tantos fios que as pessoas não podem mais andar pelas ruas, as casas são desmontadas e levadas para outro lugar, onde constroem uma nova Ercília, restando da antiga apenas um enredo de fios pelo chão.

Marco Polo não fala a língua do grande Khan e precisa se expressar com gestos, saltos, vozes de animais, improvisando mímicas que o imperador é obrigado a interpretar. E o jogo se torna ainda mais complexo quando se pensa que, entre outras, a pantomima de um homem nu atravessando o fogo sem se queimar pode estar se referindo a uma aventura vivida pelo viajante quando se aproximava ou se distanciava daquela cidade, ou a uma façanha do seu fundador, a profecia de um astrólogo ou uma charada para indicar o nome da cidade.

Nesse embate de signos, Kublai Khan é obrigado a recriar seu império, ou, dito de outra forma, a conquistá-lo novamente. O que lhe dá vida, o que o fascina nos diálogos

com Marco Polo, é o fato de precisar tornar-se outra vez um valente guerreiro, agora num mundo invisível, sempre em construção.

Os relatos de Marco Polo constituem, para o grande Khan, sua mais preciosa biblioteca. Insólita biblioteca. Nem tanto, talvez, pelo fato de ser composta por livros invisíveis, mas por livros que precisam ser escritos pelo próprio bibliotecário, antes de ocuparem seu lugar na estante.

Como diz Marco Polo:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (CALVINO, 1991, p. 150)

Kublai Khan opta pela segunda. E só assim vai montando, a cada dia, sua invisível biblioteca. A única que poderá salvá-lo.

•

Mais modesta e nem por isso menos rica e variada na sua constelação de signos, a biblioteca do detetive Espinosa, criado por Luiz Alfredo Garcia-Roza, de algum modo se alinha às de Borges e Calvino. Se a primeira não tem fim (supõe-se) e a segunda não tem livros, a de Espinosa não tem estantes.

Dispensáveis, as estantes. Os livros são dispostos no chão, em fileiras que se alternam, ora na horizontal, ora na vertical, servindo eles mesmo como suportes para os outros. A estante ultrapassa a altura de Espinosa e seu equilíbrio torna-se cada vez mais instável, podendo desabar a qualquer momento.

Espinosa, o detetive que não por acaso tem nome de filósofo, costuma percorrer os sebos do centro do Rio de Janeiro, nas suas horas de folga. No início do romance *Perseguido* (Garcia-Roza, 2003), o detetive tira parte do seu intervalo de almoço para ir a um sebo que frequenta desde os tempos em que fazia faculdade de Direito.

Caminhando no meio da multidão, com um pé em cada nível – a rua e a calçada – Espinosa é a própria imagem da ambiguidade que o configura. Entre a realidade crua de um assassinato e o gosto por música clássica, entre o ambiente opressor de uma delegacia e o caos feliz de um sebo no centro da cidade, Espinosa vai se equilibrando como se equilibra sua biblioteca.

Quando abre mão das estantes, a biblioteca do detetive encena o jogo borgeano – também jogado por Calvino – de que um livro sempre dialoga com outro livro. No caso desta biblioteca, eles se movem uns sobre os outros como num longo mergulho nas e entre as páginas.

Para Espinosa, vale a preferência assumida por Daniel Quinn, o detetive criado por Paul Auster em *Cidade de Vidro* (AUSTER, 2000). O que interessava a Quinn, nos livros que escrevia – era também escritor – não estava na relação dos livros com o mundo dito real, mas com outros livros.

Se, na sua origem e em diversos momentos da sua história, a ficção policial é um embate entre razão e mistério, sempre com a vitória do primeiro, um detetive que duvida, que desconfia de certezas absolutas e de conceitos como razão, pecado, inocência e culpa, é um personagem que nos interessa.

Na vasta galeria de bibliotecas insólitas, a de Espinosa tem o seu espaço, à medida que se revolve e a si mesma se interroga, no seu eterno equilíbrio instável, como o do próprio detetive que a engendrou.

•

E se as bibliotecas de ficção parecem um convite ao devaneio, uma derradeira – no nosso breve passeio – delas difere e em certo sentido as supera por parecer fantasia quando se ergue real, concreta, na cidade de Hamburgo.

O historiador de arte alemão Aby Warburg nasceu na segunda metade do século XIX e era o primogênito de uma bem sucedida família de banqueiros alemães. Aos 13 anos, abriu mão da herança em nome do seu irmão mais novo, desde que este comprasse para ele todos os livros de que precisasse, até o final da vida. E foram muitos.

A biblioteca de Warburg causava estranheza pelo fato de os livros não estarem organizados de acordo com nenhum dos critérios usuais na época (e ainda hoje). Eram milhares de volumes (em 1911, já havia 15 mil) e não estavam nos seus lugares por critério de ordem alfabética, gênero literário, idioma, autor. Nada disso. O que guiava a organização dos livros nas estantes era o que Warburg chamava de “lei da boa vizinhança.”

Uma coletânea de poemas de amor, por exemplo, não precisaria estar necessariamente ao lado de uma outra, mas de um romance policial, os dois livros irmanados pelo fato de serem diferentes versões do mistério.

O proprietário da biblioteca colocava ao lado de uma obra outra que a complementava, ou simplesmente fazia alguma referência a ela, ou ainda: a contestava.

A organização obedecia ao próprio modo como Warburg relacionava os principais temas das suas pesquisas: arte, religião e ciência. E à medida que formulava um novo conceito, uma nova forma de relação entre dois temas, ou autores, ou obras, era preciso, claro, mudar os livros de lugar.

O que, para alguns, poderia parecer o caos, para outros era o paraíso (Albert Einstein, entre tantos, foi frequentador da biblioteca, quando se tornou pública). Não havia lugares fixos na biblioteca de Warburg. Os livros circulavam como deveriam, no mundo de fora, circularem ideias, sentimentos, pessoas.

Em 1926, Warburg construiu, em Hamburgo, um edifício para abrigar sua biblioteca, que a partir de então se tornou aberta ao público. E mandou gravar, na entrada do salão de leitura – que, propositadamente, tinha uma forma oval – o nome *Mnemosyne*, deusa da memória.

Durante a segunda guerra mundial, os nazistas queimaram 25.000 mil livros de autores supostamente contrários ao Terceiro Reich, em várias cidades universitárias alemãs. Os nazistas também cabiam na biblioteca de Warburg. Mas a biblioteca de Warburg não cabia no mundo estreito dos nazistas.

Eles certamente a teriam colocado abaixo. Para evitar a tragédia, o acervo foi transferido para Londres, onde está até hoje, com mais de 350.000 obras e acessível a qualquer leitor.

(Algumas vezes pensei no projeto de escrever um conto em que um homem sonha que se perdeu na biblioteca de Warburg e caminha pelo labirinto de livros tentando achar a saída. Até que um bibliotecário, um menino, aparece na sua frente. O homem pergunta ao menino se é verdade que a biblioteca é infinita. O menino responde: só para quem sonha com ela. O homem então decide simplesmente acordar. E se arrepende.)

•

Desejos diferentes movem os conceitos de biblioteca para Varlam Chalámov, Borges, Calvino, Garcia-Roza e Warburg. Mas há, entre essas bibliotecas caóticas e fascinantes, um fio tênue que as liga. A este fio me agarro para propor aqui a tese de que toda biblioteca, como um ou o universo, é em si um modelo de relacionamento múltiplo, não apenas entre os livros em si mas entre eles e quem os organiza, e também entre eles, quem os organiza e quem porventura os visite, e ainda entre todos eles e o espaço em que se encontram, e o tempo que os recobre de memória.

Mais ainda, esse universo de algum modo sugere uma nova e desafiadora forma de relacionamento entre os homens, um novo humanismo – tema de outro artigo, por vir –, ensaiando um mundo menos previsível e menos intolerante. Como diria o narrador do conto de Borges: *minha solidão alegra-se com essa elegante esperança.*

#### **Referências:**

- AUSTER, Paul. Cidade de vidro. In: AUSTER, Paul. **A trilogia de Nova York**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Tradução de Rubens Figueiredo.
- BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. In: BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. 4 ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1986. Tradução de Carlos Nejar.



CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Tradução de Diogo Mainardi.

CHALÁMOV, Varlam. Minhas bibliotecas. In: SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha. **A paixão pelos livros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004. Tradução de Julio Silveira et al.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Perseguido**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PIGLIA, Ricardo. **O laboratório do escritor**. São Paulo: Iluminuras, 1994. Tradução de Josely Vianna Baptista.